

O TRATO COM O TEMA “INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA” NOS PROCESSOS FORMATIVOS E METODOLÓGICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFCAT

Amanda Rezende Pereira³⁶

Adriana dos Santos Prado Sadoyama³⁷

Augusto César da Fonseca Neto³⁸

Cristiane da Silva Santos³⁹

Neila Maria Mendes Borges⁴⁰

Maristela Vicente de Paula⁴¹

Resumo

O estudo refere-se à “inclusão da pessoa com deficiência na escola” nos processos formativos e metodológicos do curso de Educação Física (EF) da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). O objetivo é investigar como os professores de EF têm pensado, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, o trato com o tema inclusão da pessoa com deficiência na escola. A pesquisa contou com o delineamento qualitativo descritivo-explicativo, em que foram aplicados questionários aos professores de EF da UFCAT. Como resultados e conclusão da pesquisa percebemos que os limites do curso para ampliar o alcance das ações no campo da inclusão na escola estão ligados à falta de participação dos alunos e ao envolvimento nos espaços formativos do curso.

Palavras-Chave: Formação Inicial; Deficiência; Inclusão; Educação Física.

³⁶Acadêmica do Curso de pós-graduação em Educação Física Escolar do Departamento de Educação Física da Unidade Acadêmica de Biotecnologia da Universidade Federal de Catalão.

³⁷Professora Doutora do Curso de Pedagogia e Educação do Campo da Unidade Acadêmica Especial de Educação da Universidade Federal de Catalão.

³⁸Professor Especialista do Curso de Medicina Unidade Acadêmica de Biotecnologia da Universidade Federal de Catalão.

³⁹Professora Doutora do Departamento de Educação Física da Unidade Acadêmica de Biotecnologia da Universidade Federal de Catalão.

⁴⁰Professora Mestra do Departamento de Educação Física da Unidade Acadêmica de Biotecnologia da Universidade Federal de Catalão.

⁴¹Professora Mestra do Departamento de Educação Física da Unidade Acadêmica de Biotecnologia da Universidade Federal de Catalão.

Introdução

Este trabalho se configura como uma análise acerca do trato com o tema “Inclusão da pessoa com deficiência (PcD) na escola” nos processos formativos e metodológicos do curso de Educação Física (EF) da Universidade Federal de Catalão (UFCAT)⁴².

O interesse em investigar essa temática está relacionado ao processo de inserção/formação que tivemos no referido curso, por meio da experiência como bolsista e voluntária no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), projeto de extensão Basquetebol em Cadeiras de Rodas, e nas disciplinas Estágio Curricular Supervisionado I e II, Metodologia de Ensino e Pesquisa em Educação Física Adaptada, dança e basquetebol da UFCAT, que proporcionaram um caminhar que ativou inúmeras perguntas, encantamentos e deslocamentos.

E é justamente desses encontros/experiências que nasce a escrita que aqui começa a se desenhar. Esses lugares e tempos nos permitiram perceber a importância de pensar o trato com a inclusão, a diferença, a diversidade cultural, especificamente da pessoa com deficiência, nos vários espaços, e nas aulas de Educação Física.

Reconhecemos que historicamente os alunos com deficiência são tratados como incapazes e limitados por falta de processos pedagógicos e metodológicos que favoreçam a sua permanência, participação e aprendizagem na escola. Entretanto, quando o professor promove um ambiente favorável à sua inclusão eles podem participar de práticas corporais imanentes à cultura corporal (jogo, dança, ginástica, lutas, esporte, etc.).

Nesse contexto, a inclusão escolar não é vista somente como um meio de inserir os alunos com deficiência na escola, dando-lhes o direito de matrícula, mas também de propiciar condições para que permaneçam nela e tenham um ensino e uma aprendizagem de qualidade. A responsabilidade pela inclusão não é mais do aluno com deficiência, mas de toda a comunidade escolar e da sociedade na qual a pessoa está inserida.

Para que a inclusão aconteça é preciso que a sociedade e as escolas estejam preparadas para receber esses alunos com as adaptações adequadas para proporcionar a acessibilidade nas suas várias vertentes: atitudinal, comunicação, metodológica, arquitetônica, programática e instrumentais (Sassaki, 2005).

Neste sentido, surgiram vários questionamentos no que concerne à efetivação da inclusão os alunos com deficiência nas escolas. Alguns estudos, como de Munster (2013), Alves e Duarte (2013), Fiorini e Manzini (2014; 2015) e Santos et al. (2019), apontam que os professores que atuam nas escolas dizem não estarem preparados para o trato com a pessoa com deficiência e para

⁴² A Universidade Federal de Catalão foi criada pela Lei 13.634 de 20/03/18 por desmembramento da Universidade Federal de Goiás.

lidarem com os processos de inclusão, bem como com a falta de participação desses alunos nas aulas de Educação Física.

Percebemos que mesmo com todas as leis e direitos concedidos que garantem a inserção dos alunos com deficiência na escola não se garante a permanência e a participação desses de forma afirmativa nas escolas.

Frente a esse contexto, tem-se solicitado das Instituições de Ensino Superior (IES) a formação de profissionais críticos e cientes do papel que devem desempenhar em uma sociedade em constante e rápida transformação. É nessa perspectiva que a Conferência Mundial sobre a Educação Superior, realizada em Paris no ano de 1998, convocada pela Unesco com o objetivo de propor soluções para os desafios apresentados à sociedade em constante mudança e colocar em movimento um processo de reforma na Educação Superior mundial, já apontava naquele momento para a necessidade das IES formarem profissionais bem informados e profundamente motivados, capazes de pensar criticamente e de analisar os problemas da sociedade, de procurar soluções para os problemas da sociedade e de aceitar responsabilidades sociais, bem para a importância de se incorporar ao longo da formação inicial das diferentes áreas do conhecimento o ensino de conteúdos relativos aos direitos humanos, à deficiência e à inclusão.

O exposto nos faz pensar na formação e na atuação do professor de Educação Física, sendo que até 1987 não havia disciplinas específicas sobre Educação Especial no currículo dos cursos de Educação Física.

Diante disso, percebemos as necessidades formativas dos professores e a importância de desenvolver ações que tratem de forma mais particular a questão das singularidades do aluno com deficiência nas aulas de Educação Física escolar. Entendemos que as problemáticas da inclusão, da diferença, da diversidade cultural são extremamente importantes para a prática pedagógica do professor e devem ser oportunizadas ao futuro professor no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

Frente a tais apontamentos e considerando os alunos e os professores como protagonistas das ações desenvolvidas no curso de Educação Física que propõe pensar a inclusão da pessoa com deficiência na escola, propomos a presente pesquisa que teve como objetivo investigar como os professores do curso de Educação Física da UFCAT têm pensado, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, o trato com o tema “inclusão da pessoa com deficiência na escola”. Mais especificamente, buscamos: 1) Caracterizar os sujeitos da pesquisa buscando captar os olhares dos professores acerca do tema inclusão da pessoa com deficiência na escola; 2) Investigar quais ações são pensadas e desenvolvidas no campo da inclusão da pessoa com deficiência no ensino regular nos processos formativos e pedagógicos (ensino, pesquisa e extensão) do curso de Educação Física;

3) Discutir os limites e possibilidades do alcance das ações desenvolvidas no/pelo curso de EF no que concerne à inclusão da pessoa com deficiência; e 4) Compreender as implicações do sentido de deficiência que os professores possuem na organização do processo pedagógico.

Procedimentos Metodológicos

Do ponto de vista metodológico esta pesquisa contou com o delineamento descritivo-explicativo, de caráter qualitativo.

A população compreendeu os professores do curso de Educação Física da UFCAT. No ano de 2019, foram enviados/disparados pela orientadora para os e-mails dos 15 professores que compõem o quadro docente do curso um questionário aberto e obtivemos o retorno de apenas sete, que constituíram a amostra do estudo. Utilizamos letras para preservar a identidade dos participantes (**PR; PB; PD; PV; PS; PK; PG**).

O questionário foi pensado/articulado com 13 perguntas que buscaram garantir os objetivos específicos propostos na pesquisa e os dados foram analisados qualitativamente, utilizando a técnica da narrativa analítica (Thomas, Nelson, & Silverman, 2012), apresentando a descrição dos relatos verbalizados pelos sujeitos e os avaliando criticamente em relação à literatura disponível sobre a temática.

Depois de lermos, relermos e nos afetarmos pelo material coletado na pesquisa, extraímos as seguintes categorias de análise: 1) Formação dos professores face à inclusão e à diversidade; 2) olhares e sentidos da inclusão das pessoas com deficiência para os professores do curso; 3) ações de ensino, pesquisa e extensão pensadas e desenvolvidas no campo da inclusão da pessoa com deficiência no ensino regular; e 4) Limites e possibilidades do alcance das ações desenvolvidas no/pelo curso de EF.

Resultados e Discussões

Formação dos professores face à inclusão dos alunos com deficiência

A partir dos dados apresentados pelo questionário, percebemos que dos sete professores respondentes, todos pertencem ao gênero feminino e somente uma das professoras da pesquisa não possui graduação em Educação Física, sendo graduada em Biologia em 1988. Quatro possuem mestrado em Educação Física e três doutorado, sendo dois na área de Educação e uma em Educação Física. O tempo de atuação na Educação Básica varia de 0 a 12 anos e no Ensino Superior entre 17 e 36 anos.

Por meio dos questionários, no tocante ao processo de formação das professoras acerca da temática da inclusão, notamos que **PS, PK, PV, PD e PR** disseram que tiveram em sua graduação a

disciplina específica que tratava do tema e que essa contribuiu muito para a formação. Como foi colocado na escrita de **PV**:

(...) Na graduação vivenciamos nas disciplinas que tivemos dinâmicas com cadeiras de roda, venda nos olhos, experiências sensoriais com alimentos (psicologia) e outras que não vou me lembrar, mas que contribuem até hoje, para me inspirar nas atividades pedagógicas com meus alunos, além é claro de referenciais teóricos da área de deficiência, que inclusive dois desses pesquisadores, foram meus professores (**PV, 2019**).

Percebemos, ante o exposto, a importância, o significado e os reflexos do surgimento da disciplina de Educação Física Adaptada nos currículos dos cursos de Educação Física por meio da Resolução nº 03/87 do Conselho Federal de Educação.

Foram momentos em que as professoras tiveram uma formação de qualidade e destacaram o papel dos professores formadores e a contribuição deles para o fazer pedagógico, inspirando as práticas dessas profissionais que atuam na formação inicial.

Algumas pesquisas apontam que muitos professores não tiveram a disciplina por terem se formado antes do seu surgimento. Além disso, como aponta o estudo de Costa (2010, p. 895), “os (as) professores são unânimes em dizer que no processo de formação para atuar na educação básica, não tiveram disciplinas que os preparassem, qualifica-se e habilita-se para a promoção da inclusão escolar”.

Mesmo as professoras colocando que tiveram a disciplina e ressaltando a importância da mesma, destacaram que o ensino por si só não é suficiente para garantir uma formação que dê conta dos conteúdos e que possa auxiliar nas estratégias e práticas organizacionais inclusivas. Como exemplo, citamos a fala da professora **PB**:

(...) Na verdade não foi, não tive nenhuma formação na graduação que desse conta desse conteúdo e que pudesse nos auxiliar em estratégias organizacionais da nossa prática pedagógica inclusiva. O que aprendi sobre isso, foi fruto da curiosidade e da participação “quase que obrigatória” em alguns projetos de extensão e bancas de tcc com essa temática específica (**PB, 2019**).

Neste sentido, Brito e Lima (2012, p. 20) colocam que a fragilidade dos alunos está além do “despreparo profissional” advindo de uma formação acadêmica “frágil”, mas que se dá pela falta de contato com a pessoa com deficiência, pelo não oferecimento da disciplina de Educação Física adaptada, e, quando há o debate em uma, não é suficiente.

Verificamos, portanto, que é muito importante a participação e o envolvimento dos alunos não somente no ensino, mas nos vários espaços formativos, como por exemplo, a pesquisa e a

extensão, como apontam **PD** e **PG**.

(...) O discente precisa ler, participar dos projetos de pesquisa e extensão, cursos, congressos científicos, das possibilidades das vivências, discussões, debates leituras acerca do trabalho com a pessoa com deficiência (**PD, 2019**).

É interessante ressaltar que mesmo não tendo a disciplina na formação inicial, foi necessário buscar o conhecimento na formação continuada, por isso, é preciso garantir políticas públicas de formação continuada para atender à política de inclusão escolar dos alunos com deficiência na rede regular de ensino como meio de fornecer maior domínio de conhecimentos e maior eficiência no trabalho dos professores que atuam na Educação Básica. Essa preocupação ficou explícita na fala da professora **PG**:

(...) A temática não fez parte da minha graduação, mas no Mestrado escolhi uma linha de pesquisa em que tratava da deficiência e diversidade, tanto que desenvolvi minha dissertação com adolescentes epiléticos, assim como tenho participado de eventos e estudado sobre a inclusão de pessoas com deficiência (**PG, 2019**).

Conforme Cruz (2005, p. 120), “pensar a formação continuada demanda entender que os professores que atuam no chão da escola precisam de suporte adequado para que desenvolvam seu trabalho com mais segurança e qualidade”. É necessário ter como reflexão que a formação não se finaliza com a conclusão de um curso de graduação e nem é a redentora de uma formação rasa, assim como a experiência profissional por si só também não é.

Olhares e sentidos da inclusão das pessoas com deficiência para os professores do curso **Conceitos de deficiência e suas implicações e reflexos na prática pedagógica**

A deficiência tem suas origens que remontam desde o início das civilizações e sabemos que desde então as pessoas que possuem algum tipo de deficiência vêm sendo marginalizadas e excluídas perante a sociedade e, também nos sistemas de ensino. Existem duas maneiras de compreender a deficiência: uma que está ligada à diversidade humana e irá demandar adaptação social para ampliar a sensibilidade/acessibilidade humana e dos ambientes, e outra que vai dizer que a deficiência é uma restrição corporal que necessita de avanços na área da medicina para proporcionar uma melhor forma de viver e promover bem estar às pessoas que possuem algum tipo de deficiência.

Sasaki (2005) aponta dois conceitos: **modelo médico da deficiência**, segundo o qual o problema está na pessoa com deficiência e, por essa razão, ela precisa ser “corrigida” (melhorada,

curada etc.) a fim de poder fazer parte da sociedade; e o **modelo social da deficiência**, elaborado basicamente por entidades de pessoas com deficiência, que aponta as barreiras da sociedade (escola, empresa etc.) que impedem o desenvolvimento das pessoas e sua inserção social (inclusão escolar, inclusão profissional etc.).

O modelo social da deficiência estruturou-se em oposição ao modelo médico da deficiência. Entre os dois modelos há a diferença na lógica de causalidade da deficiência, como por exemplo: no modelo social a causa está na estrutura social e para o modelo médico está no indivíduo. A ideia básica do modelo social é que a deficiência não deve ser entendida como um problema individual, mas como uma questão da vida em sociedade, o que transfere a responsabilidade pelas desvantagens das limitações corporais do indivíduo para a incapacidade da sociedade em prever e se ajustar à diversidade. A compreensão mais aprofundada sobre o tema poderá auxiliar na inserção familiar, laboral e social da pessoa com deficiência e melhorar sua qualidade de vida (Bampi, 2007).

Na perspectiva dos sujeitos da pesquisa acerca do entendimento do conceito de deficiência e as implicações do mesmo para pensar/elaborar a prática pedagógica, verificamos que as professoras **PD, PR, PV e PG** conceituaram a deficiência a partir do modelo social. Destacamos o conceito apresentado por **PG**, que define a deficiência baseada no modelo social:

(...) Deficiência para mim é uma condição diversa do corpo de algumas pessoas que pode comprometer suas atividades, torna-la mais dependente, mas por outro lado, essa deficiência pode passar despercebida se forem oferecidas condições para que essa pessoa possa desempenhar suas atividades, ou seja, se forem respeitados os limites de cada um (**PG, 2019**).

Notamos que o tempo todo os discursos e as práticas das professoras direcionam para o modelo social, dando principalmente importância para se refletir sobre o fazer pedagógico que propõe pensar nas dificuldades frente à deficiência de modo afirmativo e se mostram preocupadas com a superação das barreiras causadas pela sociedade e pelos sistemas de ensino, como podemos verificar na fala de **PS**:

(...) Temos trabalhado com a perspectiva de olhar a pessoa com deficiência não pelo que lhe falta, mas sim, para o que é capaz de fazer e dos progressos que pode alcançar ao reconhecer suas capacidades não prejudicadas pela deficiência (**PS, 2019**).

É importante observar que as concepções e práticas têm sido colocadas pelos sujeitos da pesquisa a partir de um olhar sensível e afirmativo, o que mostra que as professoras vêm pensando/refletindo e construindo um caminho sensível na busca por trazer à tona o que está no intrínseco para o extrínseco dos corpos e do que pode vir a ser e aparecer como potência de forma

afirmativa, desenvolvendo potencialidades que os próprios alunos desconhecem. É uma descoberta de um corpo cheio de possibilidades e de vir a ser de fruição mais genuína do ser.

Assim como Deleuze e Guattari (1995, p. 18), entendemos que “a experiência sensível do corpo é um truque surpreendente das mãos que tocam num tempo cronológico para daí extrair outro tempo, tempo da alegria, da novidade, tempo não marcado, para assim existir outras possibilidades de fronteiras do inusitado”.

Percebemos um corpo que está aberto a conhecer e a descobrir o corpo com ou sem deficiência de forma afirmativa, que se desenha em suas subjetividades, sensibilidades, alteridades em meio à cultura em que os sujeitos estão inseridos.

Entretanto, as pesquisas que abordam o tema apontam que mesmo que o modelo social esteja ganhando força e visibilidade o conceito médico ainda predomina nas concepções, imaginários e práticas da sociedade.

Ações de ensino, pesquisa e extensão pensadas e desenvolvidas no campo da inclusão da pessoa com deficiência no ensino regular

Discussão sobre inclusão da pessoa com deficiência no Projeto Pedagógico do Curso

Entendemos a importância das ações de ensino, pesquisa e extensão pensadas e desenvolvidas no campo da inclusão da pessoa com deficiência, bem como observamos que esse tema perpassa o Projeto Pedagógico do Curso. Verificamos que, para **PB, PR, PS e PG**, a questão da inclusão no curso é amplamente discutida, destacamos a colocação de **PB**:

(...) A partir da elaboração do PPC em vigor na Educação Física, a inclusão foi uma questão amplamente discutida para que não somente houvesse uma disciplina específica que abordasse a temática, mas que outras disciplinas também pudessem apontar algumas questões relacionadas aos impedimentos direcionados às pessoas com deficiência na Educação Física, como também uma preocupação em preparar os professores de forma consistente e crítica em relação à inserção da pessoa com deficiência nas aulas de Educação Física (**PB, 2019**).

Percebemos que o curso vem se atentando/movimentando para tais questões para que o tema possa ser abordado para além de uma disciplina, o que fica evidente na fala de **PD (2019)** quando coloca que “essas questões de o tema perpassar por mais disciplinas já vêm sendo pensada pelo PPC do curso que pensa a fundamentação teórica junto a grade curricular e mais do que isso professores do curso vem incluindo nas suas disciplinas para além da disciplina especificada e adaptada”. Cruz (2005, p. 163, grifos do autor) reforça essa importância ao expressar que:

(...) As pessoas com deficiência estariam servidas de melhores e mais seguros profissionais na área da Educação física se o assunto necessidades especiais, inclusão e deficiência fosse introduzido na formação profissional em nível de graduação, não com somente uma única

disciplina ‘dando conta do recado’ e tratando com profundidade os aspectos conceituais da deficiência, mas sim, com o envolvimento de outras disciplinas do curso com o referido tema.

Entretanto, Falkenbach et al. (2008, p. 4) constataram que os “projetos pedagógicos dos cursos de formação dos professores de educação física apresentam pouco conteúdo quando o tema é inclusão na rede escolar de ensino e é comum perceber que o currículo de formação apresenta, com frequência, uma disciplina que vai tratar deste tema e estes não são suficientes”.

Isso muitas vezes pouco coloca o futuro professor em contato com as discussões e com as questões da deficiência e da inclusão na escola, por isso, é importante na formação inicial se pensar em propostas que venham garantir aos alunos maior contato possível com o tema, o que poderá contribuir para formar professores mais capacitados e sensíveis ao trabalho com a diversidade e com a inclusão.

Vale destacar que as professoras estão engajadas em acompanhar e discutir, tendo como horizonte a busca pela fundamentação teórica, atrelando o ensino, a pesquisa e a extensão, e todos esses movimentos têm contribuído para o desenvolvimento de práticas significativas com as questões da diversidade e da inclusão. Além disso, elas destacam as experiências de outras universidades, por meio de professoras que tiveram sua formação inicial em outras instituições, como verificamos nas falas de **PG e PS**:

(...) O PPC do curso tem acompanhado e se apropriado das discussões mais atuais sobre o trato da pessoa com deficiência nas aulas de Educação Física, respeitando as normas, diretrizes se mostra bastante sensível ao atravessamento do tema pela via do ensino, pesquisa e extensão e isso tem colaborado/contribuído para a concretização de práticas pedagógicas mais inclusivas (**PG, 2019**).

(...) Os professores que vieram da universidade Federal de Uberlândia deixaram experiências significativas é destaca; “dessa universidade que é reconhecida pela sua atuação com a temática da pessoa com deficiência, o que acredito tenha proporcionado uma influência positiva para o curso de Educação Física da UFCAT (**PS, 2019**).

Em um artigo publicado em 2019, Borges, Santos e Costa, ao descreverem e analisarem como os cursos de Licenciatura da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (RC-UFG) têm se organizado quanto à oferta de disciplinas e temáticas relacionadas à educação especial e seu público-alvo, perceberam grandes avanços em relação ao compromisso com a formação de professores nos cursos de Educação Física e Pedagogia, que têm contemplado essas temáticas no ensino, na pesquisa, nos estágios e grupos de estudos.

Ao perguntarmos se a formação inicial proposta pelo curso de Educação Física é suficiente para dar segurança aos futuros professores para atuarem junto à pessoa com deficiência na escola, as professoras **PB, PK e PG** caminharam na mesma direção afirmando que:

(...) Sim, a partir das disciplinas obrigatórias e também dos projetos desenvolvidos e propostos pelos professores do curso. **(PB, 2019).**

(...) Garantem de certa forma uma base boa para ter condições iniciais para lidar com esse tema na escola e os projetos de pesquisa e extensão como fundamentais para a formação **(PK, 2019).**

(...) Penso que sim. A tarefa é difícil mas as disciplinas de uma forma geral, tem buscado trazer abordagens inclusivas em suas discussões, em que todo indistintamente tenha as mesmas oportunidades e sejam respeitados os limites e as necessidades de cada um. **(PG, 2019).**

Verificamos que o ensino, a extensão e os projetos desenvolvidos pelo curso de Educação Física são espaços que garantem oportunidades aos seus alunos de terem contato com experiências/vivências que dão condições iniciais para que possam lidar com a pessoa que tenha deficiência na escola e nos espaços em que forem trabalhar.

Porém, sabemos que é fundamental que os alunos estejam envolvidos nesses processos e espaços, tanto na pesquisa como na extensão, que se mostram fundamentais. Além disso, “qualquer formação nunca será suficiente, quando pensamos no obter/buscar conhecimento mesmo o curso apresentando relação com o tema o aluno precisa estar em constante busca pelo conhecimento” **(PV, 2019).**

Entendemos que a formação inicial é um momento em que o futuro professor terá a oportunidade de adquirir conhecimentos científicos e pedagógicos e competências necessárias para lidar com a deficiência e a inclusão. Entretanto, concordando com García (1992, p. 35), “não podemos achar que esta formação inicial vai nos oferecer ‘produtos acabados’, mas devemos encará-la como uma fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento profissional de busca pelo conhecimento e de adquirir aprendizados”.

A temática da inclusão no ensino, na pesquisa e na extensão: iniciativas do curso de Educação Física

Sabemos da importância do ensino, da pesquisa e da extensão para o processo de formação do aluno. Desse modo, a universidade tem como tripé o princípio da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. O ensino, que versa sobre a formação profissional e científica dos alunos, a pesquisa, que é base para a busca e a descoberta do conhecimento científico e, conforme Oliveira (2001, p. 25, grifos do autor), “a extensão universitária, que oferece a diversidade conceitual e a prática que intervém significativamente no “pensar” e no “fazer” dos alunos que estão inseridos nesses espaços”.

Nesse sentido, é importante pensar como aos professores do curso de Educação Física pensam as questões relativas ao tratamento com a pessoa com deficiência em suas disciplinas e nos projetos de pesquisa e extensão que desenvolvem. Das professoras pesquisadas, **PV, PD e PR** estão desenvolvendo/participando de ações de extensão, grupos de pesquisas e são as que reforçaram a importância do envolvimento nos projetos e nos vários espaços que possibilitam conhecer e ter acesso ao processo de formação inicial sobre inclusão.

Já **PK e PB** participaram e desenvolveram pesquisa e extensão relativas à relação de Atividade Física Saúde, Pessoa com Deficiência, Esporte Adaptado e Paraolímpico entre os anos de 2014 e 2016; as demais (**PS e PG**) não estão desenvolvendo no momento nenhuma proposta relativa à temática.

Teixeira (2009) destaca que projetos de extensão e ações que proporcionem o contato e a experiência são de extrema importância na formação inicial e ter a possibilidade de contato no percurso com tais temáticas torna-se um ponto positivo para o trabalho do futuro professor com a pessoa com deficiência.

Quanto às disciplinas que trabalham com pessoas com deficiência, inclusão e esporte adaptado, **PD** ministra uma disciplina específica sobre a temática Metodologia de Ensino e Pesquisa em Educação Física Adaptada, e outra que é em campo, no Estágio Curricular Obrigatório III e IV, realizado em uma Escola Especial.

Já **PS** teve experiências em ações como Paraolimpíadas das Escolas Pestalozzi de Goiás e disciplinas de Estágio Curricular Obrigatório III e IV, em que um dos campos é uma Escola Especial.

E **PV** trabalha com disciplinas voltadas para a expressão do corpo como, por exemplo, dança, corpo e deficiência, propondo pensar o balé para cegos, e busca em suas práticas “realizar vivências ou jogos sensoriais, estimulando a discussão da diferença, da alteridade e da deficiência/inclusão”.

No caso da disciplina de Biologia da Educação e Educação Física e Saúde, a professora **PK** apresenta o tema ao abordar:

(...) Trabalho com as discussões do desenvolvimento normal da criança dentro do que é esperado e posteriormente o desenvolvimento atípico que vão apresentar algum tipo de transtorno ou atraso no seu desenvolvimento neuropsicomotor. Já na de Educação Física e Saúde busca trabalhar com as doenças e distúrbios que podem desencadear algum tipo de deficiência (**PK, 2019**).

Também dentro da área da saúde, nas disciplinas de Fisiologia Aplicada a Educação Física, Núcleo Temático em saúde e Educação Nutricional, **PK** ressalta que busca “discutir as questões da deficiência para além do conceito biológico idealizado e conhecido, trabalhando dentro dos direitos humanos e a diversidade” (**PK, 2019**).

As professoras ressaltam que o curso proporciona, por meio do ensino, da pesquisa e da

extensão, uma formação inicial que prepara o egresso do curso para atuar e buscar conhecimento para facilitar um ambiente favorável à inclusão do aluno com deficiência, mas depende do interesse do estudante do curso participar das atividades propostas. Como ressalta **PB**:

(...) O mais importante é o envolvimento e interesse em aprender dos alunos, o que tem deixado muito a desejar no curso atualmente, mesmo que tenhamos uma gama de atividades como projetos de extensão, pesquisa e disciplinas específicas muitos alunos não têm demonstrado interesse em se aprofundar na temática (**PB, 2019**).

A falta de interesse pode estar ligada a fatores como: não identificação com as temáticas, necessidade de trabalhar por falta de bolsas para incentivar e dar condições de permanência e participação desses alunos, dentre outros fatores.

Entretanto, Cruz (2005, p. 112) ressalta “que a graduação oferece uma formação inicial, formação essa que continua acontecendo/processando ao longo da vida profissional, é fundamental para que o professor esteja em constante busca de estudos e experiências recentes aprimorando seus conhecimentos”.

Entendemos que a formação inicial é o ponto de partida, um disparo nos alunos para que posteriormente seja possível a busca por uma melhor qualificação que lhes proporcione mais conhecimentos para lidarem em suas práticas pedagógicas com a pessoa com deficiência e com as questões da diversidade e da diferença.

Limites e possibilidades do alcance das ações desenvolvidas no/pelo curso de Educação Física

No tocante aos limites e possibilidades do alcance das ações desenvolvidas/pensadas e propostas pelo curso de Educação Física, a maioria das professoras pesquisadas aponta a falta de participação dos alunos nos espaços formativos. Para elas, os alunos participam com descaso, sem muito engajamento e poucos se aproximam da temática e a entendem como importante.

(...) Muitos alunos que entram no curso de licenciatura não têm como objetivo ministrar aula nas escolas, por isso não têm muito interesse nas discussões e leituras propostas, além disso desperdiçam a oportunidade propiciada nos estágios, não pesquisam ou buscam orientações para desenvolver suas práticas pedagógicas nesses espaços. Destaco também a falta de participação desses alunos nos projetos de pesquisa, extensão e eventos que são realizados sobre a temática, mesmo os eventos organizados na UFCAT (**PD, 2019**).

(...) Alguns alunos ainda não se atentaram para a necessidade de terem uma ação mais propositiva no tocante a esses pontos; cursam as disciplinas, mas não se aprofundam na discussão desse tema, fazem o básico e isso pode, após concluírem o curso, os levar a repetir ações muito comuns nas escolas atuais no âmbito da Educação Física; aulas pensadas somente para alunos que não apresentam nenhuma deficiência. Por outro lado, percebo alguns alunos sensíveis a questão da inclusão da pessoa com deficiência nas aulas

de Educação Física (**PR, 2019**).

Entretanto, os poucos alunos que se envolvem com a temática são bastante sensíveis e assumem uma postura comprometida com vistas a garantir os direitos dos alunos com deficiência.

Notamos que as professoras procuram envolver os alunos em vivências/experiências teóricas e práticas com pessoas com deficiência e com questões da inclusão. Entendemos que esses espaços são riquíssimos para a formação, porque, além de prepararem os professores, também possibilitam o contato com a realidade com a qual vão se deparar na escola.

As professoras ressaltaram que é preciso a consciência/entendimento dos alunos para o compromisso com a sua formação de qualidade e é no processo de formação, nas vivências e nas experiências que eles terão a possibilidade de desenvolver um olhar afirmativo para os seus em suas práticas pedagógicas.

O estágio de desenvolvimento de consciência se inicia na formação inicial, para Costa et al. (1996), é quando começamos a organizar e a adquirir os conhecimentos específicos da formação profissional, compreendendo que ela tem que dar uma base e que o professor precisa estar em constante busca pelo conhecimento, pois o saber vive processos de transformação que são constantes.

As professoras **PV e PD** salientam que, para além da abordagem nas disciplinas, é necessário que se traga a discussão sobre a temática para o planejamento anual, para os espaços formativos como PIBID e a Residência Pedagógica, bem como é preciso aumentar as horas de estágio.

É possível assim ampliar, construir e reconstruir conhecimentos que serão fundamentais ao ensino e à aprendizagem dos alunos que ingressarem no curso, o que poderá ter resultados positivos em sua formação. É importante destacar também que o PIBID e a Residência Pedagógica podem ser aliados na formação nessa direção. Silva (2015) apontou que as experiências proporcionadas pelo PIBID auxiliam os alunos no processo de inclusão, pois permitem a consolidação de vivências no espaço escolar que levarão à efetivação no processo de formação deles como professores.

Entendemos que tanto o Estágio quanto o PIBID e a Residência Pedagógica são espaços potencializadores de reflexão crítica no tocante ao papel do professor na escola, que apresenta desafios no trato com a pessoa com deficiência e também, nas questões da inclusão.

Destacamos a fala de **PV** quando pensa essa discussão “através de parcerias e trocas de conhecimentos com o Núcleo de Acessibilidade da UFCAT, bem como no planejamento anual do curso os professores ser orientados pelos que têm conhecimentos da área no como abordar a deficiência e inclusão em suas disciplinas”.

Nesse sentido, pensamos no ensino colaborativo como proposta, que, segundo Mendes,

Vilaronga e Zerbato (2014, p. 45),

[...] É um dos modelos de prestação de serviço de apoio no qual um professor comum e um professor especializado, dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar o ensino dado a um grupo heterogêneo de alunos. Tal modelo emergiu como alternativas aos modelos de sala de recursos, classes especiais ou escolas especiais, especificadamente para responder às demandas das práticas de inclusão escolar de alunos do público alvo da educação especial [...].

Assim, o ensino colaborativo, aliado a suas parcerias, é uma ferramenta de ajuda/apoio pedagógica/o ao professor em prol da aprendizagem do aluno com deficiência e também das relações entre os conhecimentos apreendidos no pensar a inclusão e a diversidade. Nessa direção, o ensino colaborativo inclui parcerias de trabalho entre o professor de educação especial e o professor da classe comum, tornando-se um facilitador do processo inclusivo (Rabelo, 2012).

Essas parcerias de trabalho podem ser articuladas nos espaços de planejamento da UFCAT, do Núcleo de Acessibilidade, do curso e também, na pesquisa e na extensão, estabelecendo um diálogo e a construção de conhecimentos que contribuirão para a ressignificação e a afirmação de práticas transformadoras no campo da diversidade e da inclusão.

Como proposta para ampliar o alcance das ações no campo da inclusão para o campo dos conhecimentos dos alunos que ingressam no curso de Educação Física, a **PS** destaca a importância e o desafio de:

(...) proporcionar experiências significativas e de sucesso no campo das práticas pedagógicas envolvendo ensino, pesquisa e extensão, nas quais os alunos possam compreender o acesso físico e intelectual como um direito legítimo, pelo qual não se tenha mais que lutar, mas apenas garantir por mecanismos também legítimos e não de favores (**PS, 2019**).

Para que isso aconteça é preciso que os alunos levem a sério o processo, preparando-se, planejando e buscando pensar suas práticas pedagógicas para esse público. As professoras têm pensado em como fazer os alunos se engajarem e participarem mais das propostas do curso de modo que as experiências possam reverberar em resultados positivos em sua formação, buscando expandir os olhares sobre a deficiência e a inclusão de forma ampla para legitimar a importância do direito de acesso, permanência, ensino e aprendizagem de qualidade.

Nesse sentido, é preciso encontrar meios e formas para despertar o interesse dos alunos e ampliar o alcance das ações. As professoras **PB, PK, PD, PS e PG** sugerem parcerias, como por exemplo:

(...) Pensaria, em parcerias com o setor público como tentativa de desenvolver conjuntamente projetos e/ou ações que promovesse um maior envolvimento de profissionais e os acadêmicos da licenciatura com a proposta da inclusão na escola (**PB,**

2019).

(...) Penso que a disciplina precisa de uma carga maior e essa parte precisa vir muito atrelada com a prática. E se existirem grupo de pesquisa, extensão que tratem sobre esse tema os alunos tiverem interesse e disponibilidade de participar melhor ainda e pensando dentro do campo prático dentro do contexto escolar **(PK, 2019).**

(...) Cada disciplina elaborar metodologias pensando que esse público faz parte da escola. Outra coisa que poderá ser aproveitado é espaço para promover essa formação no PIBID e na residência pedagógica nas quais os alunos que participam terão uma oportunidade maior de contato com a realidade escolar **(PD, 2019).**

(..) Penso que especificamente no caso do curso que faço parte, é emergencial a viabilização de laboratórios que possa agregar ensino, pesquisa e extensão que proporcionem estudos e criações de práticas pedagógicas para as pessoas com deficiência, mobilizando a comunidade em parcerias com o curso. Essa perspectiva também demanda ampliação do número de bolsas disponibilizadas para os alunos viabilizando a qualidade da sua vinculação com o projeto e com o curso **(PS, 2019).**

(...) Oferecendo ensino de qualidade, cursos e projetos de extensão e pesquisa para os alunos se envolverem, e proporcionando curso de especialização em Educação Física escolar que discute amplamente essa questão para os egressos do curso **(PG, 2019).**

Tem se buscado alternativas e propostas para ampliar e alavancar as ações que são fundamentais, como a aproximação com o setor público e com a comunidade em busca de parcerias que podem viabilizar mais possibilidades para que o público externo da UFCAT e a comunidade acessem os projetos, dando mais visibilidade e mais público para que os alunos possam ter experiências nesse campo.

A viabilização de mais espaços e, também de materiais é algo fundamental para que as práticas possam acontecer e os projetos de pesquisa e extensão possam ser realizados e pensados pelos alunos e professores; poderá dar mais qualidade e abrangência para as práticas realizadas e condições para que os professores trabalhem. Tudo pode resultar, como afirma Tardif (2002), em vivências que resultam em saberes experimentais que são fundamentais, pois o contato com a experiência possibilita a construção de novos saberes, que estão ligados tanto com a experiência individual quanto com a experiência coletiva de sua inserção nos espaços formativos.

Esses espaços proporcionados pelos projetos de extensão são de extrema importância e as professoras são enfáticas e ressaltam a necessidade da viabilização de mais espaços, conforme **PR** destaca:

(...) por considerar que os projetos são espaços ricos de estudo e intervenção para os alunos; projetos envolvendo mais de uma disciplina que possibilitassem os alunos pensar/vivenciar a deficiência e a inclusão sob diferentes aspectos. **(PR, 2019).**

Sobre isso, **PD** e **PK** afirmam que é importante que os alunos:

(...) Estejam presente de corpo inteiro nas aulas, mas acredito que poderia aumentar as horas de estágio (mas o aluno precisa preparar o estágio e não levar com a barriga) bem como o aluno precisa estudar **(PD, 2019)**.

(...) Não existe conhecimento que é adquirido sem esforço e sem estudo aluno que vem e só frequenta as aulas, escuta e faz prova talvez não tenha sucesso no trabalho com a pessoa com deficiência **(PK, 2019)**.

É perceptível a preocupação dos professores quanto à presença dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem para a efetivação das propostas que demandam para além da participação, mas também envolvimento e a busca pelo conhecimento constantemente, pois isso pode refletir quando o professor estiver atuando. Todo conhecimento é preciso buscar e curiosidade ir além do que está sendo oferecido.

Quanto aos limites das ações desenvolvidas no que se refere à inclusão das pessoas com deficiência nas aulas de Educação Física na escola, PD e PB apontam para o interesse e o engajamento dos alunos.

(...) Para mim os limites é o interesse e participação dos alunos durante as leituras, a presença de corpo inteiro na aula, participação ativa e fundamentada teoricamente nos estágios e participação nos projetos de pesquisa e extensão e pelo menos nos eventos oferecidos na UFCAT **(PD, 2019)**.

(...) Creio que o nosso público participante das atividades é muito limitado, pois no ensino temos apenas o desenvolvimento dos alunos que não tem disponibilidade para assumirem outras atividades correlacionadas e os projetos também atende a um público específico e repetido, sem contudo, atingir outros profissionais e também a população local e regional **(PB, 2019)**.

Já **PS e PR** destacam a falta de estrutura física e humana, como por exemplo:

(...) Viabilização de laboratórios que possa agregar ensino, pesquisa e extensão que proporcionem estudos e criações de práticas pedagógicas para as pessoas com deficiência, mobilizando a comunidade em parcerias com o curso **(PS, 2019)**.

(...) Em termos de limites vejo que o curso prescinde de mais espaços adaptados, assim como material didático pedagógico para trabalhar com as pessoas com deficiência no espaço da universidade, ampliando assim possibilidades de vivências práticas de atuação diretamente com pessoas com diferentes condições de deficiência **(PR, 2019)**.

Notamos que é preciso mais laboratórios e materiais pedagógicos para que todas as ações tenham maior alcance de modo a superarem os limites e a potencializarem mais ainda as práticas pedagógicas realizadas no campo do ensino, da pesquisa e da extensão para que os alunos tenham mais possibilidades de contato e vivências com diferentes tipos de deficiência e também com a realidade que demandará empenho dos mesmos para contribuírem com a transformação da

realidade. Além disso, a Universidade precisa disponibilizar mais bolsas para a participação dos alunos, considerando a necessidade dos mesmos de trabalhar para permanecerem na instituição.

Considerações Finais

No percurso da pesquisa procuramos captar os olhares das professoras acerca do tema da inclusão da pessoa com deficiência na escola.

Nas falas das professoras, notamos que incluir corresponde à participação de todos os alunos com deficiência no processo pedagógico em qualquer espaço escolar e que os discursos das mesmas e as práticas direcionam para o modelo social da deficiência, dando principalmente importância ao fazer pedagógico que propõe pensar nas dificuldades frente à deficiência de modo afirmativo e se mostram preocupadas com a superação das barreiras causadas pela sociedade e pelo sistema de ensino.

Verificamos, também, que o curso tem discutido/se movimentado a respeito dos temas relativos à inclusão e à deficiência serem abordados por mais disciplinas. É algo que já vêm sendo pensado pelo PPC do curso, associando a fundamentação teórica à grade curricular, além disso, os professores vêm incluindo a temática em suas disciplinas para além da disciplina específica de Educação Especial. Consideramos que é importante que todas as disciplinas do Curso de Educação Física versem sobre a pessoa com deficiência em sua área.

Percebemos que os limites do curso para ampliar o alcance das ações no campo da inclusão e dos conhecimentos dos alunos para lidarem com os processos de inclusão na escola estão ligados à falta de participação dos alunos e envolvimento nos espaços formativos do curso (ensino, pesquisa, extensão, PIBID, Residência Pedagógica, eventos científicos, etc.).

Nesse contexto, as professoras têm pensando em como fazer esses alunos se engajarem e participarem mais das propostas do curso para que as experiências possam reverberar em resultados positivos em sua formação, buscando expandir os olhares sobre a deficiência e a inclusão de forma ampla para legitimar a importância do direito de acesso, permanência, ensino e aprendizagem de qualidade dos alunos com deficiência na Educação Básica.

Referências Bibliográficas

- Alves, M. L. T., & Duarte, E. (2013). A exclusão nas aulas de Educação Física: fatores associados com participação de alunos com deficiência. *Movimento*, 19(1), 117-137.
- Bampi, L. N. S. da S. (2007). *Percepção de Qualidade de Vida de Pessoas com Lesão Medular Traumática: uma forma de estudar a experiência da deficiência*. (Tese Doutorado não publicada), Universidade de Brasília/UnB, Brasília – DF.

- Barnes, C., & Mencer, G. (1996). *Explorando a divisão: doença e incapacidade*. Leeds: Deficiência Press. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/revista/vol%2031/tiago-henrique-franca.pdf>.
- Borges, W. F., Santos, C. da S., & Costa, M. da P. R. (2019). Educação Especial e formação de professores: uma análise dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC). *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 14(1), 138-156.
- Brito, R. F. de A., & Lima, J. F. (2012). Desafios encontrados pelos professores de educação física no trabalho com alunos com deficiência. *Corpo, movimento e saúde, Salvador*, 2(1), 1-12.
- Costa, F.C., Carvalho, L. M., J.A., & Pestana, C. (1996). As expectativas do Exercício profissional dos alunos de um curso que habilita para a docência: a formação (não) passa por aqui. In Costa, F.C., Carvalho, L. M., J.A., & Pestana, C. (Orgs.), *Formação de professores em Educação Física: Concepções, Investigação, prática*. Lisboa: FMH Edições.
- Costa, V. B. (2010). *A Prática Social da Convivência Escolar Entre Estudantes Deficientes Visuais e seus Docentes: o estreito caminho em direção à inclusão*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Cruz, G. de C., & Ferreira, J. R. (2005). Processo de formação continuada de professores de educação física em contexto educacional inclusivo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19(2), 112 – 120.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (vol. 1). São Paulo.
- Falkenbach, A. P., & Battistelli, G., Medeiros, J., & Apellaniz, A. (2008). A formação e a prática vivenciada dos professores de Educação Física com a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na escola comum. *Biblioteca Virtual em Saúde*, 16(92), 4. Disponível em: < www.cbce.org.br/cd/resumos/251.pdf >.
- Fiorini, M. L. S., & Manzini, E. J. (2014). Inclusão de Alunos com Deficiência na Aula de Educação Física: Identificando Dificuldades, Ações e Conteúdos para Prover a Formação do Professor. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 20(3), 387-404.
- Fiorini, M. L. S., & Manzini, E. J. (2015). Prática pedagógica e inclusão escolar: concepção dos professores de Educação Física. *Revista Sobama*, 16(2), 15-22.
- García, M. C. (1992). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.
- Mendes, E. G., Vilaronga, C. A. R., & Zerbato, A. P. (2014). *Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial*. São Carlos: UFSCar.
- Munster, M. de A. (2013). Inclusão de estudantes com deficiências em programas de educação física: Adaptações curriculares e metodológicas. *Revista Sobama*, 14(2), 27- 34.
- Oliveira, J. A. de. (2001). A Universidade e a formação para a qualidade de vida. *Da Vici. Textos Acadêmicos*, 25.
- Rabelo, L. C. C. (2012). *Ensino colaborativo como estratégia de formação continuada de*

professores para favorecer a inclusão escolar. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP.

Santos, L. P. dos, Santos, C. da S., Borges, N. M. M., & Paula, M. V. de. (2019). Inclusão de alunos público com deficiência nas aulas de Educação Física na cidade de Catalão-GO. *Revista Edapeci*, 19(3), 95-108.

Sassaki, R. K. (2005). Inclusão: o paradigma do século 21. *Inclusão, Seesp/MEC*, 1(1), 19-23.

Silva, R. C. (2015). *O PIBID e a mediação no processo de inclusão. Como o programa de bolsas de iniciação à docência poderá contribuir no processo de inclusão nas escolas públicas.* São Paulo.

Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional.* (3ª ed). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Teixeira, D. (2009). Projetos de extensão: contribuições na formação inicial. In XV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XVI, III, Salvador, 2009. Anais, Salvador, 2009.

Thomas, J. R., Nelson, J. K., & Silverman, S. J. (2012). *Métodos de pesquisa em atividade física.* (6ª ed). Porto Alegre: Artmed.

THE TREATY WITH THE SUBJECT "INCLUSION OF THE DISABLED PERSON IN THE SCHOOL" IN THE TRAINING AND METHODOLOGICAL PROCESSES OF THE UFCAT COURSE OF PHYSICAL EDUCATION

Abstract

The study refers to the “inclusion of people with disabilities in school” in the formative and methodological processes of the Physical Education (PE) course at the Federal University of Catalão (UFCAT). The objective is to investigate how PE teachers have been thinking, through teaching, research and extension, dealing with the theme inclusion of people with disabilities in school. The research had a descriptive-explanatory qualitative design, in which questionnaires were applied to the teachers of PE at UFCAT. research we realized that the limits of the course to expand the scope of actions in the field of inclusion in the school are linked to the lack of participation of the students and to the involvement in the training spaces of the course.

Keywords: Initial formation; Deficiency; Inclusion; Physical Education.